

O PAPEL SEMÂNTICO DO OBJETO DIRETO E A SUA OMISSIBILIDADE

THE SEMANTIC ROLE OF THE DIRECT OBJECT AND ITS OMISSIBILITY

EL PAPEL SEMÁNTICO DEL OBJETO DIRECTO Y SU OMISSIBILIDAD

*Maria Madalena LOREDO NETA**

Resumo: O objetivo deste estudo é relacionar a possibilidade de omissão do objeto direto ao papel semântico que ele desempenha. Apenas frases simples e a estrutura superficial, isto é, a estrutura sintática observável, são consideradas neste estudo. O objeto direto é definido em termos exclusivamente formais. Mostra-se que papéis semânticos são relevantes como fator condicionante nas possibilidades de omissão do objeto. O objeto direto no papel semântico de Fonte, Trajetória e Meta não pode ser omitido; e no papel semântico de Tema é omissível apenas em algumas situações especiais.

Palavras-chave: Objeto direto; Omissão do objeto direto; Papéis semânticos.

Abstract: The aim of this paper is to relate the possibility of omission of the direct object to the semantic role it plays. Only simple sentences and surface structure, that is, the observable syntactic structure, are considered in this study, and the direct object is defined in exclusively formal terms. It is shown that semantic roles are relevant as a conditioning factor in the possibility of omission of the object. The direct object in the semantic role of Source, Path and Goal cannot be omitted; and in the role of Theme is omissible only in some special situations.

Keywords: Direct object; Omission of the direct object; Semantic roles.

Resumen: El objetivo de este trabajo es poner en relación la posibilidad de omisión del objeto directo y la función semántica que el juegue. Sólo las oraciones simples y estructura de la superficie, es decir, la estructura sintáctica observable, son considerados en este estudio. El objeto directo se define en términos puramente formales. Se muestra que los roles semánticos son relevantes como factor determinante en la posibilidad de omisión del objeto. El objeto directo en el role semántico de la Fuente, Camino y Meta no puede ser omitido, y el role semántico de Tema es omisible sólo en algunas situaciones especiales.

* Mestre e Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Área de concentração: Linguística teórica e descritiva; Linha: Estudos na interface sintaxe e semântica lexical. Contato: madalena@loredo.com.br.

Palabras clave: Objeto directo; Omisión del objeto directo; Roles semánticos.

Introdução

Dentro de uma abordagem descritiva, o objetivo deste artigo é apresentar o papel semântico do objeto direto como fator que condiciona a sua omissão. Para nossa análise utilizaremos o período simples e nos limitaremos à estrutura superficial, isto é, à estrutura sintática observável. Focalizaremos apenas a omissão lexicalmente motivada e partiremos de uma definição de objeto direto em termos exclusivamente formais, seguindo Perini (2008a).

1 Objeto direto

Na literatura linguística, a definição de objeto direto tem representado um grande desafio. Mencionamos aqui a antologia “Objects”, editada por Plank (1984), composta por diversos artigos, nenhum chegando a uma conceituação satisfatória de objeto. Muitos teóricos concluem que definir objetividade (*objecthood*) não é tarefa simples até mesmo com relação a uma língua particular.

Na Gramática Tradicional, a abordagem do termo, na maioria das vezes, conjuga aspectos sintáticos com os semânticos, em geral vinculando objeto direto ao papel de Paciente. Nosso estudo se distancia da visão tradicional e se volta para uma abordagem descritiva, pois consideramos importante o que frisaram Culicover e Jackendoff (2005): para estudar a interface entre a sintaxe e a estrutura conceptual, precisamos definir, separadamente, por um lado as unidades e relações conceptuais, e por outro lado as unidades e relações morfossintáticas em questão.

1.1 Objeto direto: o Sintagma Nominal não sujeito

O objeto direto, uma categoria sintática, se define praticamente por sua posição em relação ao verbo, mais o fato de que não se trata do sujeito (PERINI, 2008a). Dessa forma, identificando-se o sujeito de uma sentença, os demais SNs serão analisados como objeto. Pela limitação deste estudo não entraremos em detalhes quanto à análise dos

demais SNs da oração; para mais aprofundamento sobre esses SNs, ver argumentação em Perini (2008a).

Para chegarmos à definição de objeto, passamos pela definição de sujeito.

1.1.1 Definir o sujeito para definir objeto direto

Em português, o sujeito em geral vem imediatamente antes do verbo, na ordem SVO (Sujeito-Verbo-Objeto) em sentenças como *O menino ganhou uma bola*; e, às vezes, após o verbo em sentenças como *Chegaram umas pessoas lá em casa*. O sujeito participa da concordância verbal, que se dá numa correlação formal entre pessoa e número do SN a que chamamos sujeito e, de outro lado, o sufixo de pessoa-número do verbo: eu cortei, nós cortamos, eles cortaram etc. Pelo sufixo verbal é possível identificar um referente que indica aquele que receberá o papel semântico reservado ao sujeito daquele verbo em questão. Por exemplo: o verbo *matar* inclui em seu esquema conceitual/semântico um Agente (aquele que mata) e um Paciente (aquele que é matado). Na sentença *Nós matamos a barata*, o sufixo -mos identifica um referente de primeira pessoa do plural (nós) que receberá o papel semântico de Agente reservado ao sujeito.

É preciso esclarecer que diferentemente de *matar*, tomando-se o verbo *receber*, por exemplo, o sufixo de pessoa-número não indicará um referente para receber o papel semântico de Paciente, mas um referente Meta, como em *João recebeu a carta*. Essa variação depende do esquema do verbo. Como observa Perini (2008, p. 39), é “característica do verbo português que um dos papéis temáticos a ele associados é sinalizado pelo sufixo de pessoa-número.”

Para que o receptor possa relacionar corretamente o SN ao sufixo de pessoa-número do verbo, a ordem dos sintagmas é fundamental: quando há mais de um SN na frase, o sintagma que se relaciona com o sufixo de pessoa-número do verbo é o que vem imediatamente antes do verbo. A esse sintagma chamamos sujeito. Assim, para a identificação do sujeito, o usuário o faz com base na sequência formal que ouve ou lê e na ordem dos sintagmas na oração.

Adotamos aqui a regra de identificação do sujeito elaborada por Perini, porque ela parece ser a mais abrangente, pois leva à identificação do sujeito em termos puramente sintáticos,

independentemente do papel semântico a ele atribuído a partir do esquema do verbo constante da sentença.

Condição prévia: o sujeito é um SN cuja pessoa e número sejam compatíveis com a pessoa e número indicados pelo sufixo de pessoa-número do verbo.

- (i) Se na oração houver um SN nessas condições, esse SN é o sujeito.
- (ii) Se houver mais de um SN, então o sujeito é o SN que precede imediatamente o verbo.
- (iii) Mas se o SN em questão for um clítico (me, te, nos, se), ele não conta e o sujeito é o SN precedente (PERINI, 2008a, p. 108).

Relembramos que estamos partindo da estrutura superficial, inteiramente composta de elementos foneticamente realizáveis, o que exclui a possibilidade de se considerar um sujeito abstrato ou “oculto” em orações como *Comi um bombom*. Nessa sentença não há um SN compatível com o sufixo verbal. Não foi atendida, assim, a condição prévia de identificação do sujeito; portanto, o SN presente na oração – *um bombom* – não é o sujeito. Essa é uma oração sem sujeito; porém, no caso da valência do verbo dessa sentença, *comer*, há um Agente sinalizado pelo sufixo verbal *-i*: eu.

Muitas vezes há na oração um SN compatível com o sufixo de pessoa e número do verbo marcando, redundantemente, o papel semântico do sujeito para aquele verbo específico: *Eu comi o bombom* (o SN *eu* e o sufixo verbal *-i*); pode haver apenas o sufixo verbal como em *Comi um bombom*; e em alguns casos, nenhuma marcação, para os verbos no gerúndio e infinitivo impessoal, quando a atribuição do papel semântico do sujeito é dada apenas a partir do esquema do verbo.

Chegamos, então, a uma generalização para o português: o que chamamos tradicionalmente objeto direto é sempre representado por um SN e em geral ocorre na mesma posição na frase – depois do verbo; além do fato de não ser o sujeito.

2 Construções

A partir do modelo de construções – entendidas como o emparelhamento forma-significado - já formulado por Goldberg (1995) e adaptado à descrição das valências verbais do português brasileiro por Perini (2008a), está sendo elaborado um inventário das diáteses

verbais. Cada verbo é associado a um conjunto de construções nas quais ele pode ocorrer; e cada construção na qual um verbo pode ocorrer e outros verbos não podem é uma *diátese*; a diátese é, assim, uma construção que subclassifica os verbos, pois há construções nas quais certos verbos não podem ocorrer. O conjunto das diáteses de um verbo é a sua *valência*.

Construções, como tomadas neste estudo, são representações esquemáticas das sentenças de uma língua; especialmente no caso deste estudo, privilegiamos os aspectos importantes para a descrição das valências verbais. O modelo aqui adotado leva em conta a estrutura formal (morfossintática) e a semântica (os papéis semânticos). Dessa forma, para elaborar a lista de construções, utilizamos o conceito de papel semântico, que é a relação de sentido que se estabelece entre o verbo (e também alguns nomes, adjetivos e locuções prepositivas) e seus complementos⁵⁹ – sujeito e outros. Neste estudo nos limitaremos a focalizar o papel semântico como uma relação de sentido entre um verbo e seus complementos.

As sentenças abaixo são formadas com os verbos *assassinar* e *quebrar*. Utilizando uma notação para representar a construção dessas sentenças, na qual a primeira linha descreve o aspecto sintático e a segunda linha o aspecto semântico, veremos que o verbo *quebrar* possui as seguintes diáteses:

a) SN Verbo SN
 Agente Paciente
- *O menino quebrou o brinquedo.*

b) SN Verbo
 Paciente
- *O brinquedo quebrou.*

Enquanto o verbo *assassinar* possui a seguinte diátese compondo a sua valência:

⁵⁹ Na literatura, em geral, faz-se confusão entre *argumento* e *complemento*. Aqui consideramos argumento um elemento semântico – que pode ser ou não realizado sintaticamente. Complemento é um elemento morfossintaticamente realizado (sujeito, objeto etc.). Para maiores informações sobre essa distinção, ver Fillmore (1986, p. 95).

- a) SN Verbo SN
 Agente Paciente

- *O casal assassinou os avós covardemente.*

Observe-se que o verbo *assassinar* não ocorre nas mesmas diáteses de *quebrar*. Aquele verbo não ocorre em construções com sujeito Paciente. Dessa forma, a valência dos verbos os subclasseifica.

Nossa atenção se voltará para o comportamento dos verbos no que diz respeito a sua coocorrência com o complemento objeto direto. A relevância da função sintática objeto direto na formulação das valências verbais está em que a ocorrência de um Sintagma Nominal (SN) nessa função divide os verbos entre os que admitem e os que não admitem objeto direto: há verbos que recusam esse complemento (*acontecer, falecer, gostar, ir, nascer, vir...*), há os que permitem a sua omissão (*cuspir, comprar, doar, pôr, receber...*), enquanto há verbos que exigem a sua presença (*colocar, devolver, enviar, tirar, trazer...*).

Estudos têm mostrado que não há um papel semântico que seja expresso exclusivamente como objeto direto: este pode estar além do papel de Paciente, no de Tema, Fonte, Meta, Trajetória⁶⁰ etc., como demonstram os exemplos a seguir:

- *Durante o temporal, os viajantes buscaram um abrigo seguro.* (Meta)
- *Os deputados deixaram o plenário sob vaias.* (Fonte)
- *O carro dos noivos atravessou o pátio.* (Trajetória)
- *Joana pegou o sorvete do freezer.* (Tema)

O comportamento sintático do objeto direto não varia, o que varia é o seu papel semântico. Entretanto, uma generalização é possível: o objeto direto nunca pode ser Agente.

3 A omissão do objeto direto

Na literatura, não encontramos estudos que estabeleçam uma relação entre o papel semântico e a omissibilidade do objeto direto. Fillmore (1986, p. 104) sugere que Paciente parece ser de difícil

⁶⁰ Adiante explicitamos esses papéis semânticos.

omissão; e Rappaport Hovav e Levin (1998, p. 117) afirmam que o objeto direto dos verbos de mudança de estado – o Paciente – deve ser obrigatoriamente expreso. Neste estudo procuramos aprofundar esse ponto de vista para demonstrar que o papel semântico é importante na omissibilidade do objeto direto.

3.1 Os tipos de omissão

Antes de falarmos propriamente da omissão do objeto direto, esclarecemos que focalizamos a omissão lexicalmente condicionada. Allerton (1975), Fillmore (1986) e Ruppenhofer (2004) já fizeram distinção entre os tipos de omissão: aquela cujo SN já foi dado em discurso precedente (anafórica) ou em situação pragmática (situacional); e a omissão licenciada pelo item lexical, que não pode ser recuperada pelo discurso antecedente ou pela situação de interação. Esta última é a omissão que nos interessa neste estudo, pois as outras podem ocorrer com qualquer verbo, como veremos, e a subclassificação fica anulada.

3.1.1 Omissão anaforicamente ou situacionalmente motivada

A omissão anafórica é quando o referente já foi colocado em discurso anterior, não sendo necessária a sua realização, uma vez que o SN omitido pode ser facilmente recuperado. Tomemos o seguinte exemplo:

- *Maria, o que você fez com o livro?*

a - *Levei* _[o livro] *para a biblioteca.*

b - *Esqueci* _[o livro] *no colégio.*

c - *Emprestei* _[o livro] *ao meu colega.*

Nas respostas que seguem à pergunta, vários verbos poderiam ser empregados pelo interlocutor em sentenças com o referente omitido - *o livro*, colocado abaixo da linha de base do texto, entre colchetes. Assim, não são os verbos *levar*, *esquecer* e *emprestar*, ou outros que fossem utilizados, que facilitam a omissão, mas o contexto anafórico, o discurso antecedente.

Quanto à omissão situacionalmente motivada, esta pode ocorrer em alguns gêneros discursivos, como, por exemplo, os de rotulação de produtos, que incluem instruções como: *Mantenha fora do alcance das crianças; Agite antes de usar; Conserve em lugar fresco* etc., em que o termo omitido refere-se ao próprio produto em questão; receitas – *Leve ao forno por 30 minutos*; e narração de eventos esportivos, em especial de futebol, quando o termo *bola* é facilmente omitido – *E o goleiro chuta para o meio do campo*. Outro caso ainda é em situações nas quais os interlocutores têm os objetos sob sua vista, não sendo necessário expressá-los. Consideremos a seguinte cena: A mãe chega à cozinha e encontra o pote de sorvete sobre a pia. Volta-se para a filha, interrogativa, ao que esta responde:

- Tirei _[o pote de sorvete] do freezer agora mesmo.

Ou

- Já vou guardar _[o pote de sorvete].

Em situações como essa não é necessária a realização do objeto direto, e a omissão é facilitada, podendo ocorrer com diversos verbos. Assim, para este estudo, situações anafóricas ou situacionais não são consideradas, pois nesses casos as lacunas deixadas pelo argumento omitido podem ser preenchidas para qualquer verbo.

3.1.2 Omissão lexicalmente motivada

Para nossa abordagem será considerado omissão o que o falante não produziu formalmente e que não pode ser deduzido por retomada do contexto, sendo, entretanto, acessível à introspecção. Focalizamos, portanto, a omissão lexicalmente motivada. Tomemos a seguinte sentença:

1) *Mamãe doou para o Hospital da Criança.*

Nesse exemplo, não há contexto anafórico ou situacional motivando a omissão do objeto; é o próprio verbo *doar* que permite que o referente seja preenchido apenas na mente do falante, sem a

realização sintática do complemento. Mesmo com o termo omitido, o ouvinte recupera um referente específico para preencher a lacuna deixada: dinheiro, valor. Porém, quando não se trata de um referente privilegiado, ele tem que vir expresso:

2) *Mamãe doou dois berços novos para o Hospital da Criança.*

Assim, nosso foco será a omissão licenciada pelo próprio item lexical, fora do contexto anafórico ou situacional, pois a omissão anafórica pode ocorrer com qualquer verbo, e o que desejamos é verificar o que motiva a omissão do objeto direto lexicalmente motivada.

4 O papel semântico do SN objeto determinando a sua omissão

Como dissemos, Fillmore (1986), sugere que Paciente não se inclui entre os termos omissíveis; porém o autor não desenvolve a questão. A partir de nossa pesquisa, com verbos de localização e mudança de localização, observamos que o objeto direto no papel semântico de Tema só é omissível em algumas situações especiais; e nos papéis de Meta, Trajetória e Fonte não pode ser omitido.

A seguir, damos algumas indicações de como estamos considerando esses papéis semânticos.

4.1 Definindo alguns papéis semânticos

A definição de muitos papéis semânticos ainda não encontrou consenso entre os teóricos; aqui esclarecemos como estamos considerando os papéis utilizados neste estudo.

4.1.1 Tema

Jackendoff (1987, p. 381) comenta que alguns teóricos têm tomado Tema ou Paciente como um papel ‘*default*’: se não se sabe do que chamar o papel semântico de um sintagma, chamam-no de Tema ou Paciente (e alguns têm tratado os dois termos como intercambiáveis); entretanto, o autor reconhece a distinção entre eles. Neste estudo, tomaremos Tema como redefinido por Jackendoff (1987;

1990) para designar o elemento cuja localização ou mudança de localização é asserida; Tema é “a coisa em movimento ou que é localizada” (JACKENDOFF, 1990, p. 125). Essa definição de Tema por nós adotada difere em parte da de Perini (2008a), que considera Tema apenas a entidade que muda de lugar, que é deslocada. A razão é que, para efeitos imediatos de nosso estudo, a diferença entre elemento localizado e elemento que se desloca não parece ser relevante. Também não é necessário distinguir a mudança de posição da mudança de localização; assim, consideraremos Tema o elemento que muda de posição, como na sentença *Maria abaixou os braços*.

Ao considerar que Tema é o objeto que se desloca ou é localizado, o verbo *ter* se inclui nos que possuem um Tema como objeto direto, seguindo Jackendoff (1990, p. 261) que considera que “o sujeito de *ter* é um Lugar de posse e o objeto é o Tema [...]”.⁶¹ Segundo essa abordagem, incluímos alguns verbos cujo esquema possui um Tema como objeto localizado: *achar*, *conter*, *encontrar*, *esconder*, *hospedar*, *possuir*, *reter*. Dessa forma, estarão em nosso levantamento tanto verbos como *ter* (de localização) – *Minha casa tem uma cozinha enorme* (em que *Minha casa* recebe o papel semântico de Lugar e *uma cozinha enorme* o de Tema; como *pôr* (de mudança de localização) – *Maria pôs o leite na jarra*; e ainda os de mudança de posição, como em *Mariana abaixou os braços*, pois esses verbos se comportam de forma semelhante quanto às condições de omissão do objeto direto. Todos eles dificultam essa omissão. É por isso que não vemos necessidade em distinguir Tema e Localizando, ou Lugar e Possuidor.

Estaremos lidando com verbos que denotam (eles mesmos) necessariamente um deslocamento ou localização, isto é, o evento não é simplesmente inferido de elementos do contexto, fora do verbo. Um exemplo: *O livro não está mais na estante*. Ao ouvir esse enunciado, o ouvinte sabe que o livro mudou de localização, estava na estante e não está mais. Mas isso não se deve ao esquema do verbo *estar*: é resultado do contexto linguístico, em especial denotado pelas sequências “*não ... mais*”. Essa expressão veicula o seguinte: a) pressuposição de que a coisa estava anteriormente na estante; b) asserção de que a coisa saiu

⁶¹ [...] the subject of *have* is a possessional Location and the object is Theme [...]. (JACKENDOFF, 1990, p. 261, grifo do autor).

da estante. O verbo, portanto, não é o único determinante: o significado locativo depende também dos complementos (*na estante*). Tanto é assim que o mesmo verbo pode ocorrer sem locativo: compare-se com *O livro não está mais inteiro*: nessa frase não há denotação de localização, embora o verbo seja o mesmo; houve mudança de estado.

Ainda precisamos acrescentar que estamos tomando Tema não apenas como o elemento físico; consideramos também situações em que os verbos são utilizados numa extensão metafórica, evocando um esquema abstrato. A partir do esquema do verbo numa situação concreta, chegamos ao seu esquema abstrato: *Preciso ganhar tempo*; *A empresa busca novos desafios*; *As visitas roubam meu tempo*; *Esses problemas sugam minha energia*. Observamos esse processo com diversos verbos, como os de mudança de estado, por exemplo: *João quebrou o brinquedo* ao lado de *João quebrou o juramento*; *O leite amoleceu a massa* e *O choro da criança amoleceu o coração do pai*. Esse é um procedimento padrão na análise semântica, que necessariamente considera a propriedade que tem a linguagem de evocar relações abstratas e pouco observáveis através de expressões linguísticas originalmente concebidas para a expressão de relações concretas e experiencialmente básicas.

A codificação morfossintática das variáveis evocadas pelo esquema de um item lexical depende da identidade do verbo da sentença, de tal modo que o mesmo papel semântico pode aparecer vinculado a diferentes elementos gramaticais. Assim, para o verbo *arrancar*, no exemplo a seguir, o Tema (o SN *o prego*) pode estar na função sintática de objeto (3) ou de sujeito, como em (4):

3) *O marceneiro arrancou o prego da parede.*

4) *O prego arrancou da parede.*

Isso depende da construção em que o verbo ocorre.

Verbos que tipicamente não admitem objeto, como *ir*, *vir* e outros de movimento e deslocamento não entram na seleção para nosso estudo por não se enquadrarem no objetivo de observar o comportamento do objeto direto quanto às condições de sua omissão, uma vez que esses verbos não incluem em suas diáteses um Tema na função sintática de objeto direto.

4.1.2 Lugar, Fonte, Meta e Trajetória

Além do Tema, em geral realizado sintaticamente, num esquema de deslocamento podem ser evocadas a Fonte, isto é, o ponto de início do movimento; a Meta, o final do movimento; e ainda uma Trajetória, que indica o caminho percorrido entre a Fonte e a Meta.

- 5) *Maria escorreu a água* (Tema);
- 6) *Maria escorreu a água do tanquinho* (Tema e Fonte);
- 7) *Maria escorreu a água do tanquinho para a bacia* (Tema, Fonte e Meta);
- 8) *Maria escorreu a água do tanquinho para a bacia pela mangueira* (Tema, Fonte, Meta e Trajetória).

Quando o verbo é apenas de localização, não implicando movimento, há um elemento que expressa o Lugar, que denota o local onde uma entidade (Tema) está:

- 9) *A caixa contém seis frascos.* (Lugar/Tema)
- 10) *Os índios habitavam aquelas terras.* (Tema/Lugar)

Fonte, Meta e Trajetória podem não ocorrer sintaticamente, quando em função diferente de objeto direto. Nos exemplos (6) a (8), acima, em que a Fonte, a Meta e a Trajetória são expressas por Sintagmas Preposicionados (SPrep), a omissão é permitida, como comprova a sentença (5): *Maria escorreu a água*. Porém, na posição de objeto direto são de ocorrência obrigatória, como veremos (lembrando que objeto direto é sempre representado por SN).

4.2 O objeto direto no papel semântico de Tema

Fizemos um estudo com verbos de localização e mudança de localização e constatamos que apenas alguns permitem a omissão do objeto direto no papel semântico de Tema, e em situações especiais. Isso nos permitiu concluir que Tema é de difícil omissão. Vejamos os seguintes exemplos, nos quais o Tema está expresso:

- 11) *O pedreiro vai acrescentar mais cimento à massa.*

- 12) *A mãe carrega o bebê nas costas.*
- 13) *Vou colocar essa antena nova no lugar da outra.*
- 14) *Meu vaqueiro despeja o leite no tanque de resfriamento.*
- 15) *A empreiteira desviava o dinheiro do empréstimo.*
- 16) *O governo não direciona recursos suficientes para a educação.*
- 17) *O filho pródigo dissipou as economias do pai.*
- 18) *Não posso excluir esse arquivo.*
- 19) *O aluno retirou a queixa contra o professor.*
- 20) *Analúcia trará um perfume da Europa para mim.*
- 21) *Para a montagem da colcha, unirei essas duas peças coloridas.*

Todas essas sentenças tornam-se agramaticais ao se omitir o

Tema:

- 11a) **O pedreiro vai acrescentar à massa.*
- 12a) **A mãe carrega nas costas.*
- 13a) **Vou colocar no lugar da outra.*
- 14a) **Meu vaqueiro despeja no tanque de resfriamento.*
- 15a) **A empreiteira desviava.*
- 16a) **O governo não direciona para a educação.*
- 17a) **O filho pródigo dissipou.*
- 18a) **Não posso excluir.*
- 19a) **O aluno retirou contra o professor.*
- 20a) **Analúcia trará da Europa para mim.*
- 21a) **Para a montagem da colcha, unirei.*

4.3 A omissão do objeto direto no papel semântico de Tema

Como dissemos, há algumas situações especiais em que a omissão do objeto direto é facilitada. Uma dessas situações é quando o Tema é prototípico, isto é, já faz parte do esquema semântico do verbo como Tema privilegiado. Alguns verbos que já possuem um Tema prototípico dentre os que analisamos são: *botar*, *colher*, *cuspir*, *depositar*, *descarregar*, *doar*, *pôr*, *receber*, *urinar*.

- 22) *A galinha do meu sítio não bota.*

- 23) *Na minha fazenda, começaremos a colher esta semana.*
- 24) *Muitas pessoas cospem na rua.*
- 25) *Meu pai deposita no Banco do Brasil.*
- 26) *O caminhoneiro descarregou em hora imprópria.*
- 27) *Mamãe sempre doa para o Criança Esperança.*
- 28) *A avezinha pôs num ninho improvisado na beirada da janela.*
- 29) *Vovó recebe no primeiro dia útil do mês.*
- 30) *Crianças novinhas ainda urinam na cama.*

Observe-se que nestes exemplos há um Tema eleito como privilegiado, dispensando a sua realização formal, respectivamente: ovo, cuspe, dinheiro, mercadoria, valor, ovo, salário ou valor da aposentadoria e urina. Porém, quando se trata de um objeto não prototípico, ele precisa ser expresso:

- 31) *A secretária botou um vaso lindo no escritório.*
- 32) *Na minha fazenda, começaremos a colher amostras do solo para uma pesquisa.*
- 33) *Meu filho, quando pequeno, sempre cuspiu o leite dormido.*
- 34) *Meu pai deposita toda confiança no Banco do Brasil.*
- 35) *O caminhoneiro descarregou toda sua ira em hora imprópria.*
- 36) *A família doou os órgãos do filho acidentado para o hospital da universidade.*
- 37) *Uma pessoa pôs um tijolo debaixo da escada do quintal.*
- 38) *Vovó recebe notícias dos amigos pelo correio.*
- 39) *O paciente urinava sangue.*

Note-se que quando o objeto direto é omitido e não há restrição seletional do SN sujeito, a interpretação será pelo Tema prototípico. Na sentença (36) *A família doou os órgãos do filho acidentado para o hospital da universidade*, se o Tema (os órgãos do filho acidentado) for omitido ele será preenchido na mente do ouvinte por dinheiro, valor, isto é, o prototípico: *A família doou [duzentos reais] para o hospital da universidade*; O mesmo ocorre com a sentença (38): *Vovó recebe [a pensão, o salário] pelo correio*.

Além da prototipicidade do objeto, a outra situação que favorece a omissão do objeto direto Tema é quando o verbo é tomado como indicando uma habilidade, uma capacidade generalizada ou um evento habitual. Nesses casos, o foco é a atividade em si (RICE, 1988). Dos verbos que analisamos, os seguintes facilitam a omissão: *comprar, entregar, furtar, herdar, roubar e vender*.

Vejamos um exemplo com o verbo *comprar*:

40) *Minha irmã compra pela internet.*

Aqui o que está em evidência é a atividade de fazer compras, não o que é comprado. Porém, quando a sentença já não se refere a uma atividade geral, o objeto tem que ser expresso:

41) *Minha irmã comprou um carro importado.*

41a) * *Minha irmã comprou.*

42) *Vou comprar uma casa na praia.*

42a) * *Vou comprar.*

Além do verbo *comprar*, vejamos exemplos com os verbos *entregar, furtar, herdar, roubar e vender* sem a realização sintática do Tema como objeto direto:

43) *Sua transportadora entrega em todo o país?*

44) *Os garotos furtavam em feiras de artesanato.*

45) *Parentes muito distantes não herdam.*

46) *Aquele bandido rouba descaradamente.*

47) *A lojinha vende para todo o bairro.*

Mas se o caráter geral desaparece, o objeto direto tem de ser expresso:

48) *Sua transportadora entregou armas para os traficantes?*

49) *Os garotos furtarão bonés em feiras de artesanato.*

50) *Joana herdou esse jeito acanhado.*

51) *A quadrilha roubou caixas eletrônicos.*

52) *O escritório vendeu diplomas falsos.*

O imperfeito é a forma verbal empregada, geralmente, para veicular enunciados que dão o sentido de generalidade, habitualidade, reiteração. Por isso é utilizado em frases atemporais, válidas para qualquer tempo, em que não são conhecidos os limites entre o começo e o fim do evento. O imperfeito é o aspecto gramatical que facilita, com alguns verbos, que o objeto direto seja omitido, quando o foco está no evento em si.

4.4 Omissão do objeto direto no papel semântico de Fonte, Meta e Trajetória

Na pesquisa com verbos de deslocamento chegamos à conclusão de que não é possível a omissão do objeto direto nos papéis de Fonte, Meta e Trajetória. Verbos analisados: *abandonar, alcançar, atingir, atravessar, buscar, cruzar, deixar, invadir, largar, ocupar, penetrar, percorrer, tocar, tomar, trespassar* (ou *transpassar*).

4.4.1 Objeto direto no papel semântico de Fonte

Em sentenças nas quais o objeto direto é Fonte ele não pode ser omitido. São poucos os verbos analisados que cabem nessa construção - *abandonar, deixar e largar* -, uma vez que a maioria dos complementos no papel semântico de Fonte estrutura-se com sintagma preposicionado (SPrep). Exemplos de orações com objeto direto no papel de Fonte:

53) *Marido entediado abandona o lar.*

54) *A torcida deixou o campo antes do final da partida.*

55) *Muitos colegas vão largar a faculdade.*

Sem o objeto direto, essas frases tornam-se agramaticais:

53a) **Marido entediado abandona.*

54a) **A torcida deixou antes do final da partida*

55a) **Muitos colegas vão largar.*

4.4.2 Objeto direto no papel semântico de Meta

Também indicando Meta, o objeto direto não pode ser omitido. Verbos examinados por nós: *alcançar, atingir, buscar, invadir, ocupar, tocar, tomar*.

- 56) *A pipa alcançou o céu.*
- 57) *Os caminhantes atingirão a metade do trajeto somente à noite.*
- 58) *Durante o tumulto, Maria buscou um lugar seguro.*
- 59) *Os torcedores invadiram o vestiário do clube.*
- 60) *Os sem-teto ocuparam a fazenda.*
- 61) *A água do mar toca os meus pés.*
- 62) *Os manifestantes tomaram a reitoria.*

Essas sentenças sem a Meta realizada sintaticamente são agramaticais:

- 56a) **A pipa alcançou.*
- 57a) **Os caminhantes atingirão somente à noite.*
- 58a) ** Durante o tumulto, Maria buscou.*
- 59a) ** Os torcedores invadiram.*
- 60a) ** Os sem-teto ocuparam.*
- 61a) ** A água do mar toca.*
- 62a) ** Os manifestantes tomaram.*

4.4.3 Objeto direto no papel semântico de Trajetória

Quando a Trajetória estiver na função de objeto direto não poderá ser omitida. Também é limitada a ocorrência – *atravessar, cruzar, penetrar, percorrer, trespassar* (ou *transpassar*). Com a maioria dos verbos a Trajetória se estrutura com SP_{Prep}, em geral com a preposição *por* ou a combinação de sua forma arcaica *per* com o artigo: *pelo, pelos, pela, pelas*: *A água escorria pela calçada*. Vejamos exemplos com a Trajetória na posição de objeto direto:

- 63) *Este punhal atravessará o corpo do lutador.*
- 64) *O barco cruza o lago.*

- 65) *Aquela ideia penetrava meu pensamento.*
66) *O atleta percorreu o circuito totalmente.*
67) *O velocista trespassou os últimos metros exausto.*

Observem-se essas sentenças sem a Trajetória expressa:

- 63a) * *Este punhal atravessará.*
64a) * *O barco cruza.*
65a) * *Aquela ideia penetrava.*
66a) * *O atleta percorreu.*
67a) * *O velocista trespassou.*

Parece haver algumas exceções de verbos que admitem a omissão da Trajetória: *descer* e *subir*. O caso desses verbos ainda não foi totalmente esclarecido, e é no momento objeto de pesquisa; é possível que haja outros fatores em jogo aqui. Por exemplo, a Trajetória pode ficar sem expressão quando é altamente previsível, ou dada situacionalmente, como em:

- 68) *A enxurrada desceu com violência.*

Comparar com

- 69) ?? *Joaquim desceu às pressas.*

que só parece ser plenamente aceitável em contexto que ajude a preencher a Trajetória, e a omissão deixaria de ser licenciada pelo item lexical.

Conclusão

Pela análise de verbos de localização e mudança de localização, concluímos que o objeto direto no papel semântico de Fonte, Meta e Trajetória não pode ser omitido; e no papel de Tema é omissível apenas em algumas situações especiais, como foi visto. Esses casos são explicitamente marcados na gramática, através de diáteses específicas. Uma das funções da diátese é justamente bloquear a ação das regras gerais.

O papel semântico como fator condicionante da omissibilidade de complementos não é mencionado na literatura examinada. No entanto, como mostramos acima, é um dos elementos necessários para a descrição desse fenômeno, aliás bastante complexo. Oferecemos aqui uma contribuição no sentido de caminhar para a compreensão dos fatores que condicionam a possibilidade de omitir o objeto direto no português do Brasil.

Referências

ALLERTON, D. J. Deletion and proform reduction. *Journal of Linguistics*, v. 11, p. 213-237, 1975.

CULICOVER, Peter W.; JACKENDOFF, Ray. *Simpler syntax*. Oxford University Press, 2005.

FILLMORE, Charles J. *Pragmatically controlled zero anaphora*. Proceedings of the twelfth annual meeting of the Berkeley Linguistics Society, 1986. p. 95-107. Disponível em: <<http://www.google.com.br/search?q=Pragmatically%20Controlled%20zero%20anaphora&ie=utf-8&oe=utf-8&aq=t&rls=org.mozilla:pt-BR:official&client=firefox-a&source=hp&channel=np>> Acesso em: 05 nov. 2012.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

JACKENDOFF, Ray. The status of thematic relations in linguistic theory. *Linguistic Inquiry*, v. 18, n. 3, p. 369-411, 1987.

_____. *Semantic structures*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

PERINI, Mário Alberto. Por uma descrição gramatical mais concreta: as funções sintáticas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 5, 2008, Belo Horizonte. *Conferências do V...*, Belo Horizonte: UFMG. p. 29-44.

_____. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola, 2008a.

PLANK, Frans (Org.). *Objects: towards a theory of grammatical relations*. London: Academic Press, 1984.

RAPPAPORT HOVAV, Malka; LEVIN, Beth. Building verb meanings. In: BUTT, Miriam; GEUDER, Wilhelm (Ed.). *The projection of arguments: lexical and compositional factors*. Stanford, California: CSLI Publications, 1998. p. 97-134.

RICE, Sally. Unlikely lexical entries. *Proceedings of the fourteenth meeting of the Berkeley Linguistics Society*, v. 14, p. 202-212, 1988.

RUPPENHOFER, Josef. *The interaction of valence and information structure*. 2004. Disponível em: <<http://www.coli.uni-saarland.de/~josefr/thesis.pdf>> Acesso em: 01 out. 2012.

Recebido em 25/03/2014

Aceito em 30/06/2014